



MURILLO DE ARAGÃO

Por Murillo de Aragão

SEGUINDO

BRASIL

A morte cerebral das instituições

A dúvida é se ressuscitarão melhores ou piores do que são hoje

Por Murillo de Aragão

8 Maio 2026, 06h00 | Atualizado em 8 Maio 2026, 09h23 | veja



O quase empate técnico entre Lula e Flávio Bolsonaro transfere o peso da decisão para variáveis exógenas ao jogo eleitoral (Fabio Rodrigues-Pozzebom / Agência Brasil | Carlos Moura/Agência Senado)

Assinantes aproveitam mais conteúdo, com menos anúncios.



Geely EX2 supera BYD Dolphin em abril; veja os 10 elétricos mais vendidos



Toyota lança SUV elétrico mais barato que Yaris para enfrentar BYD Yuan Plus



LER RESUMO



Ouvir texto



0:00 1.0x

Não há dúvida de que vivemos tempos estranhos. Mas tampouco existe dúvida de que tudo o que está acontecendo — por mais extravagante que pareça — era mais do que previsível. É a crônica da morte institucional do país. Só que, diferentemente das mortes “morridas”, a morte institucional traz a promessa de uma ressurreição. A dúvida é se as instituições ressuscitarão melhores ou piores do que são hoje.

A extravagância dos acontecimentos se revela não apenas no tamanho dos escândalos, mas na desconfiança que predomina na cena brasiliense. Ninguém confia em ninguém e, ao mesmo tempo, alianças inusitadas se formam em torno de pautas pontuais. Foi o que se viu na derrocada da indicação de Jorge Messias

ao [STF](#), episódio que reuniu ministros do Judiciário, oposição e setores da própria base governista. Coalizões assim já não exprimem convicção: exprimem sobrevivência.

A morte institucional se assemelha à morte cerebral. O corpo permanece vivo, mas o cérebro deixou de operar. As decisões já não obedecem a uma racionalidade voltada ao interesse público; são ditadas pelo instinto de sobrevivência. O que resta é reflexo medular: ação reativa, sem deliberação. Os aparelhos seguem ligados, os sinais vitais oscilam nos monitores, mas a vontade soberana já não habita o organismo.

SIGA



ENTRAR NO CANAL



LEIA MAIS

O que Bolsonaro nos deu de bom

Ex-deputado TH Joias é flagrado em relação sexual com líder do CV

Morre Sacha, filho de Heloísa Helena, aos 42 anos

“As decisões já não obedecem à racionalidade do interesse público, mas ao instinto de sobrevivência”

A certeza é de que tudo caminha para piorar. Sem a menor dúvida, o Senado avançará sobre o impeachment de ministros do STF no ano que vem; e a Suprema Corte reagirá com interpretações esotéricas para impedir o processo. Vale lembrar que essas mesmas regras — validadas, à época, pelo próprio STF — sustentaram o impeachment de Dilma Rousseff. A Corte se vê diante de uma armadilha de sua própria jurisprudência: rejeitar hoje o que ontem reconheceu como legítimo seria assumir a perda de coerência que sempre negou em discurso.

As dúvidas residem no paradoxo de que a morte cerebral resultará em ressurreição. O Congresso de amanhã será diferente. A Presidência, mesmo com a eventual reeleição de [Lula](#), também. E o STF, igualmente. Não sabemos se serão melhores ou piores. Toda crise constitucional é, em última instância, crise de legitimidade — e só se resolve pela refundação simbólica do pacto.

Nesse contexto, as eleições de 2026 prometem ser tumultuadas. As pesquisas indicam disputa apertada. O quase empate técnico entre Lula e [Flávio Bolsonaro](#) transfere o peso da decisão para variáveis exógenas ao jogo eleitoral. Em disputas assim, o resultado raramente é definido pelos programas; é definido pelos acidentes e pelos detalhes. Como se sabe, Deus mora nos detalhes.

E acidentes não faltarão. Sobretudo porque, em ano eleitoral, a delação premiada deixa de ser instrumento processual e se converte em variável estratégica: quem fala, quando fala e o que fala podem reorganizar, da noite para o dia, o tabuleiro das instituições. O caso Master tem, em escala e ramificações, potencial para funcionar como o evento destabilizador que falta para precipitar o desfecho. Ou melhor, definir o desfecho da disputa. Nesse ambiente, o eleitor decide menos pelo cálculo retrospectivo e mais pela lógica da indignação — num país cujas instituições já não dispõem do crédito necessário para arbitrar o conflito que elas próprias ajudaram a produzir.

EM ALTA

1  O gesto de Michelle com Alexandre de Moraes que irritou bolsonaristas

2  A grande novidade da pesquisa Genial/Quaest sobre rejeição a Flávio Bolsonaro

3  A má notícia para Flávio Bolsonaro entre eleitores independentes, segundo Quaest

4  Vivian Cardoso

TAGS: FLÁVIO BOLSONARO LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA POLÍTICA

AssineAbril

Guia Do Estudante	Superinteressante	Quatro Rodas	Veja Negócios	Você RH	Veja Saúde	CLAI
						
OFERTA RELÂMPAGO	OFERTA RELÂMPAGO	OFERTA RELÂMPAGO	OFERTA RELÂMPAGO	OFERTA RELÂMPAGO	OFERTA RELÂMPAGO	OFERTA RE
APENAS R\$ 1,99/MÊS	A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS	A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS	A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS	A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS	A PARTIR DE R\$ 9,90/MÊS	A PARTII 9,90/

QUEM ASSINA TEM MAIS VANTAGENS



Colunistas

Conteúdo criado por especialistas



Seus Favoritos

Acompanhe as publicações dos seus autores favoritos



Aplicativo

Leia todas as revistas em um só app



Sites

Acesso ilimitado aos sites



Leia Offline

Baixe e leia as edições digitais no app até onde não tem internet



Clube

Ingressos com super descontos